

MUNDO RURAL, MODO DE VIDA E AS MEMÓRIAS DO PROCESSO DE TRABALHO EM CASAS DE FARINHA

Marisa Oliveira SANTOS¹

Ana Elizabeth Santos ALVES²

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo descrever o modo de vida e as memórias do processo de trabalho de homens e mulheres do campo, trabalhadores de farinheiras do Povoado do Peri Peri, situado no município de Belo Campo (BA), localidade que tradicionalmente se destaca pela presença de Casas de Farinha e da produção dos derivados de mandioca. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, mediante o uso de fontes bibliográficas e documentais, realização de observações e entrevistas com os trabalhadores, como também fotografias representativas do lugar. Dessa forma, a empiria buscou dialogar também com algumas contribuições teóricas, dentre essas, Thompson (1998; 1981), Kosik (1976) e Wanderley (2009). Verificou-se que o modo de vida sofre as influências e contribuições externas ao seu cotidiano e vem se alterando com o passar do tempo, mas resguarda, ainda, singularidades que lhe são próprias e advém do herdado de gerações anteriores que vem passando por intensas transformações alterando o trabalho e o modo de vida em comunidade.

Palavras chave: Modo de Vida. Mundo Rural. Memórias.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS/UESB. Membro do grupo de estudos História, Trabalho e Educação do Museu Pedagógico da UESB.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Pós-doutorado em Educação pela Unicamp. Professora do PPGMLS/UESB. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa História, Trabalho e Educação do Museu Pedagógico da UESB.

RURAL WORLD, WAY OF LIFE AND THE MEMORIES OF THE WORKING PROCESS IN FLOUR HOUSES

ABSTRACT

This communication aims to describe the way of life and the memories of the work process men and women from the countryside, flour workers from the Piperado do Peri Peri, located in the municipality of Belo Campo (BA), a location that traditionally stands out for the presence of Casas Flour and production of cassava derivatives. From a methodological point of view, the research adopts a qualitative approach, using bibliographic and documentary sources, conducting observations and interviews with workers, as well as representative photographs of the place. In this way, the empiry also sought to dialogue with some theoretical contributions, among them, Thompson (1998; 1981), Kosik (1976) and Wanderley (2009). It was found that the way of life suffers from external influences and contributions to his daily life and has been changing over time, but still preserves singularities that are his own and come from those inherited from previous generations.

Keywords: Way of Life. Rural World. Memoirs.

1 INTRODUÇÃO

*Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e dos eito.
E às vez, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade
que mora em meu peito.
Patativa do Assaré*

O mundo rural, espaço de vida e de trabalho, acolhe um modo de vida particularizado, é certo, diferenciado com certeza, mas jamais isolado, nem imutável (MENDRAS, 1969; WANDERLEY, 2009; CÂNDIDO, 2007). Por essa razão, imbricado nas múltiplas relações que se estabelecem no seu processo de constituição e reconhecimento, o modo de vida rural incita, por meio da vida cotidiana e do trabalho de mulheres e homens do campo, uma interpretação das suas particularidades.

O objetivo desta comunicação é descrever o modo de vida e as memórias do processo de trabalho de mulheres e homens do campo, do Povoado do Peri Peri, situado no município de Belo Campo (BA), localidade que tradicionalmente se destaca pela produção da farinha de mandioca e de outros derivados do referido tubérculo e que tem assistido a ameaça de sua destituição.

O município de Belo Campo tem população estimada de 17.317 habitantes (IBGE, 2010), tendo uma concentração maior em torno de 56,36% na área urbana do município; entre homens e mulheres há uma equidade numérica, sobressaindo um pouco a população masculina 50,68%. Possui extensão territorial de 608.594 Km² e dista da capital baiana 567 km. Além de manter sua tradição com o plantio da mandioca - 27º lugar no Estado da Bahia (IBGE, 2018) - Belo Campo também se destaca na produção de caprinos e ovinos, e sua base econômica ainda é prevalecente nas culturas de subsistência.

O Povoado do Peri Peri está entre os 47 Povoados municipais que integram o município de Belo Campo. Sua população hoje é estimada em torno de 667 habitantes, tendo uma estimativa de 338 homens e demais mulheres e divididos entre 195 famílias (PMBC, 2019), como fortes laços de parentesco e sentimento de enraizamento (WEIL, 1996).

A vida entre afazeres diários se concentra entre o cultivo da mandioca em pequenas propriedades rurais familiares, e atualmente, com o funcionamento, por ora esporádico, ou seja sem regularidade, de treze Casas de Farinha. Para além dessa *práxis*, se vê conciliada no cotidiano com a criação de animais domésticos, pequenas hortas e roçados, que quando excedem a produção e desde que sejam atendidas às demandas de consumo interno das famílias,

são levados à feira do município, nas segundas-feiras para comercialização, como mecanismo de complementação da renda familiar.

A aparente resistência de unidades funcionais de Casas de Farinha no Povoado, instiga-nos a pensar que estamos diante de uma comunidade tradicional, que luta pela prevalência da atividade e tenta preservar o modo de vida que adorna o cotidiano de seus moradores e com o qual se identificam, embora reconheça-se ser esta luta uma tarefa de embates contraditórios em meio ao cotidiano que se replica, mas também se modifica.

As análises, ainda parciais, deste texto são oriundas de pesquisa de campo que estamos desenvolvendo acerca da memória do trabalho familiar em Casas de Farinha³. Realizamos observações e entrevistas semiestruturadas no Povoado, nos anos de 2018 e 2019, e fotografias representativas alimentadas pelo campo empírico, assim entendidas como guardiãs de memórias e elementos interpretativos que visam auxiliar o desvelar da realidade concreta, por entender, conforme aponta Martins (2019) que a imagem, sobretudo a fotografia, por ser flagrante, revela as insuficiências da palavra como documento da consciência social e como matéria-prima na busca pelo conhecimento.

Os dados das observações e entrevistas mostraram o cotidiano de mulheres e homens do campo, trabalhadores das Casas de Farinha, o modo de vida que compõem as relações materiais e sociais no Povoado e as memórias do processo de trabalho, entrelaçadas ao cotidiano e colocadas num campo de disputa onde a vida visível se vê ameaçada pela disposição e concepções diferentes de modelos de sociedade.

Pelo caráter social da pesquisa e de seus vieses objetivos e subjetivos, reitera-se como abordagem metodológica os procedimentos da pesquisa qualitativa, a qual considera, segundo Minayo (1994, p. 22), o “[...] mundo dos significados das ações e relações humanas”, vez que os processos não são compreendidos desconectados dos contextos histórico, político, econômico e social em que estão inseridos.

A intenção é ilustrar o trabalho e o modo de vida dos trabalhadores que subsistem na comunidade no tenro tempo e que, por meio das memórias e das narrativas, permitem uma leitura contemporânea breve das alterações no modo de vida e da captura de rememoração acerca do trabalho desenvolvido nas Casas de Farinha.

³ Parte desta Pesquisa advém de Estudos realizados no programa de Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade-UESB, pela doutoranda Marisa Oliveira Santos, sob a orientação da Prof. Ana Elizabeth Santos Alves. Geongá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 13, n. 1, p. 21-40, 2021 ISSN 2175-862X (on-line)

2 DESENVOLVIMENTO E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

O cotidiano no mundo rural marca um espaço diferenciado, um modo de vida que começa no início do dia, bem cedo, como se fosse uma espécie de aboio, ou seja, uma cantoria que se replica inicialmente nas residências rurais com as mulheres, com o fazer do café no fogão a lenha, com o varrer do terreiro com as vassouras produzidas com gravetos e folhagens e com o cuidado com as crianças que vão compondo esse cenário doméstico, ilustrando a rotina diária do trabalho familiar.

Aparentemente, aos homens encarrega-se, no iniciar das práticas diárias, a função de alimentar os animais domésticos em meio aos seus ruídos no quintal, ao buscar o leite no curral. Enquanto esperam o café coado, preparam-se para a chamada “lida” diária: o cuidado com os roçados, com o plantio, com a empreita ou com a colheita.

Razoável seria se o cotidiano se replicasse sem interrupções, embates ou percalços. O movimento talvez nem sempre seja o mesmo todos os dias e, não necessariamente seja igual para todos, ou seja, nem sempre há o roçado, há o plantio, há a terra à disposição para homens e mulheres do campo ou há Casas de Farinha em funcionamento, assim, a rotina ameaçada pode ser uma regra e não uma exceção.

A aparência é revisitada e questionada, por entender que a linearidade não é um movimento concreto e indubitável numa sociedade demarcada por contradições, principalmente, quando urge pensar em homens e mulheres do campo, destituídos do seu lugar de vida e de trabalho, ameaçados em seu modo de vida, quando se veem desapropriados dos meios de produção e servem indiretamente de repositório da força de trabalho requerida pelo capital comercial ou industrial (IANNI, 1981).

Dessa maneira, ratifica-se a cotidianidade como um fenômeno que abarca a vida das pessoas, mas não como um fenômeno que apenas replica, mas que sobretudo se modifica, em meio às transformações oriundas das relações sociais que vão se modificando. É uma espécie de organização do dia a dia, da vida individual de mulheres e homens do campo com repetições vitais e fixadas na distribuição do tempo, em que se ecoa a vida particularizada e que se soma a tantas outras práxis banais realizadas concomitantemente por outros homens (KOSIK, 1976) e se estabelece também por meio das contradições impostas pela interpenetração do capital (HARVEY, 2009). Este encontro de definições nos auxilia e nos serve de guia para a compreensão do modo de vida do mundo rural.

A vida de cada dia tem a sua própria experiência, a própria sabedoria, o próprio horizonte, as próprias previsões, as repetições, mas também os dias feriados. [...] por essa razão ela é o mundo da intimidade, da familiaridade e das ações banais. Nesta, o indivíduo cria para si relações baseadas na própria experiência, nas próprias possibilidades, na própria atividade e daí considerar esta realidade como o seu próprio mundo (KOSIK, 1976, p.80).

O cotidiano se constitui, segundo Karel Kosik (1976), mediante relação do homem com o tempo. Mas o tempo também pode ser entendido como elemento de transformações advindas das mudanças nas relações sociais, principalmente, quando impactado pelo modo de produção capitalista. No mundo rural, o tempo é um balizador das atividades cotidianas, mas sua concepção se afasta do sinônimo advindo do modelo capitalista. Em outras palavras, ele necessariamente não está cronometrado nas esferas formais de sua mensuração – o relógio, por exemplo. A notação desse tempo, que surge nesse modo de vida, foi descrita por Edward P. Thompson (1998), como orientação pelas tarefas – ou também pode ser entendida pela lógica da necessidade, sem a ditadura dos ponteiros do relógio, mas quando recebe as influências do modo de produção dominante, o tempo passa ter a conotação da produtividade, alterando essa relação direta homem e trabalho.



Figura 1: A tigela e o milho para alimentar os animais - Povoado do Peri Peri

Fonte: Foto de Marisa Oliveira (2019)

Dessa maneira, em meio ao cotidiano que se replica, o modo de vida vai se moldando, ganhando formas, não como algo sistematizado e pensado, mas como um fenômeno natural que vem com o cingir dos dias, surge dentro do mesmo vínculo com a vida, com a experiência e com

as relações materiais. Observa-se que o modo de vida vai ganhando contornos através das normas, das regras, das expectativas necessárias e aprendidas, primeiramente na família, depois do trabalho e na comunidade, conforme nos aponta Thompson, mas também no campo de disputa e nas concepções distintas de sociedade, que automaticamente, vai inserindo novas concepções para o tempo:

Os valores não são “pensados” nem “chamados”; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas ideias. São as normas, regras, expectativas, etc., necessárias e aprendidas no “*habitus*” de viver; e aprendidas, em primeiro lugar na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria (THOMPSON, 1981, p. 194).

José de Souza Martins (1998) acrescenta ao contexto dos povoados rurais a característica da sociabilidade tradicional entre os sujeitos, que se delimita em cenários domésticos, no provisório, no inseguro e no instável, e vai aos poucos imprimindo características peculiares à vida no coletivo. Tal pontuação aproxima-se – e muito – também das notações feitas por Antônio Cândido (2017), o qual se refere à sociabilidade como uma manifestação da vida em meio a uma rusticidade equilibrada, denominada pelo autor como *sociabilidade vicinal*.

Assim, compreendemos o modo de vida como um conjunto de práticas relacionadas ao mundo do trabalho, à vida familiar, conectadas com a realidade social. Para nossos estudos, parece-nos também relevantes as reflexões trazidas pelos estudos de Braga, Fiuza e Remoaldo (2017), que evidenciam não existir um conceito unívoco a respeito de modo de vida. O seu sentido é multidimensional e de definição incerta, em função de diversas concepções teórico-metodológicas presentes no campo das ciências sociais”.

Por essa razão, por meio das reflexões trazidas para o presente estudo – e sem a pretensão de padronizar o modo de vida no mundo rural, uma vez que se compreende a pluralidade que o reveste –, Wanderley (2009) lembra que é necessário romper a ideia de que o tecido social no mundo rural homogeneíza tudo, como se romantizasse seu feito. Mas, pelo contrário, ele também se diferencia, diversifica e se torna cada vez mais complexo, principalmente quando está recoberto por múltiplas e complexas mediações advindas da interpenetração do capital na vida em comunidade. Para Ianni (1981), seria enganoso pensar que a homogeneidade seria possível, é preciso entender que o capital e a vida no campo estão em contrastes, na luta pelo território e pela demarcação de modelos distintos de sociedade. O território e, neste, sentido para Santos (2002) o lugar onde se desembocam todas as ações, as

paixões, todos os poderes, todas as forças e fraquezas, isto é onde a história de homens e mulheres se torna visível a partir da manifestação de sua existência.

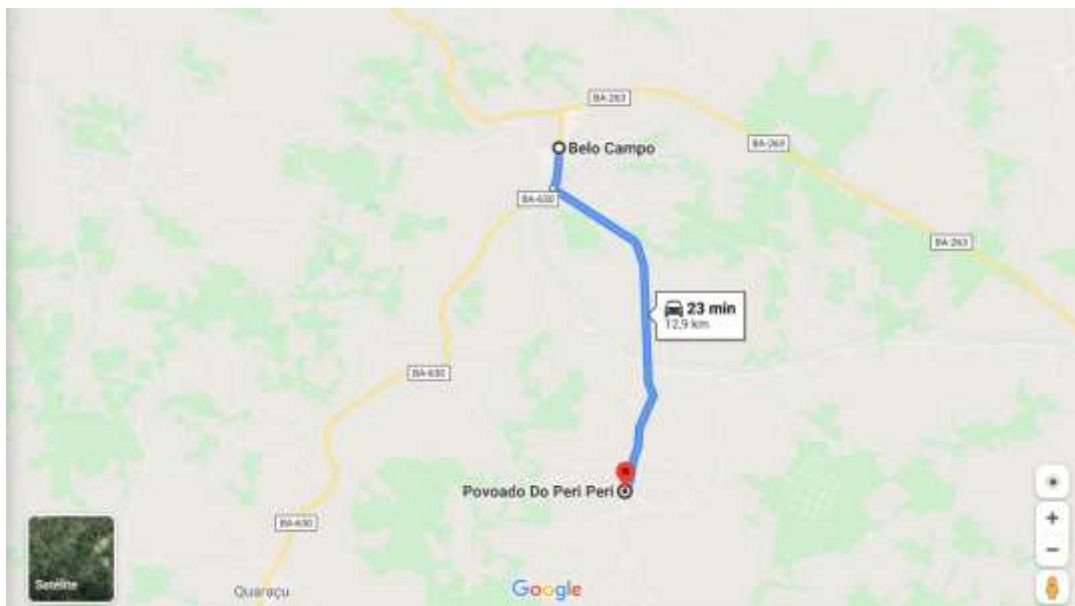


Figura 2 - Localização perimetral Belo Campo – Povoado do Peri Peri

Fonte: Rotamapas - Google

Dessa maneira, não se pautando em um conceito deliberadamente imposto, mas inspirados nas proposições de Thompson (1981) a respeito da temática, optamos por apresentar uma leitura acerca do modo de vida no mundo rural no Povoado do Peri Peri, ao tempo em que escolhemos dois pontos de convergência para sua descrição e que fazem parte da vida e das relações materiais construídas na sua trajetória social. O primeiro diz respeito a aspectos da vida cotidiana no Povoado, e o segundo se refere às memórias do processo de trabalho nas Casas de Farinha, que são rememorados pelos respectivos trabalhadores e que – como enseja Marx (2007) – por meio da práxis, o homem ao produzir suas condições de existência a transforma, criando valores, costumes e cultura.

3 MODO DE VIDA: COTIDIANO E TRABALHO

O Povoado do Periperi, no município de Belo Campo (BA), resguarda o trabalho de homens e mulheres do campo em Casas de Farinha, que – em meio à vida e às relações materiais cotidianas –, vão se constituindo enquanto sujeitos históricos. Os trabalhadores das farinheiras serão para o presente estudo o fio condutor da descrição de um modo de vida particularizado,

bem como porta-vozes de memórias que estão cingidas no *saber-fazer* do trabalho e das práticas sociais da vida material no cotidiano do Povoado que vem aos poucos se dissipando na vida em comunidade.

A população do Povoado é composta por pequenos proprietários rurais, na maioria sitiantes e trabalhadores. A posse da terra é compartilhada entre os membros das famílias, por meio da herança passada dos pais para filhos, como descreve Abramovay (1998): unidade entre o negócio e a família, na pretensão de dar início a questão sucessória da atividade familiar, ainda que este negócio seja a terra.

A relação do homem com a natureza é muito próxima – seja na verificação do tempo, na demarcação dos períodos de estiagem ou de chuva, seja na sua relação com a terra e com seu lugar de morada e de trabalho, mantendo ainda uma forte relação de mediação de primeira ordem (ANTUNES, 2009). Em comunidades rurais, presentes no Nordeste brasileiro, além das limitações econômicas e sociais, defrontam-se com aspectos adversos da própria natureza tais como dificuldades hídricas, baixo nível pluviométrico, pouco acesso a recursos técnicos e tecnológicos, que acrescem ao modo de vida rural situações adversas para enfrentamento e embates cotidianos.

A exclusiva paisagem da caatinga ocupa 11% do território nacional e 70% da região Nordeste, bioma exclusivamente brasileiro, remete às chuvas escassas e irregulares, cerca de 3 a 5 meses ao ano, está inserida no contexto de clima semi-árido, o período seco e de estiagem prevalece de 7 a 9 meses por ano.

Dentre as atividades realizadas no Povoado, a Casa de Farinha está entre uma delas, havendo em torno de 13 unidades que auxiliam na produção da vida visível. As Casas de Farinha correspondem a unidade de produção de traços tradicionais, geralmente presentes em comunidades rurais de mesma adjetivação. São manufaturas simples, que resguardam um processo produtivo artesanal, marcado pelos esforços da força de trabalho familiar e que vão de encontro ao modelo hegemônico capitalista de produção.

As farinheiras compõem um espaço de vida, de trabalho, de tradições e sobretudo de memórias integradas ao cotidiano que revelam e influenciam o modo de vida dos moradores, fazendo parte das condições materiais da comunidade do Peri Peri e estão em condição de extinção na vida cotidiana da referida comunidade.

As memórias dos trabalhadores fluem naturalmente entre as conversas informais, demonstrando as transformações que vem sofrendo em sua atividade profissional, sendo destituídos aos poucos dos meios de produção e colocando-os com repositórios da foça de trabalho de atividades que aos poucos o capital industrial e comercial vão dispondo na região.

As entrevistas possibilitam o acesso a um mundo não do presente, mas de um presente que se constitui como continuação ou reflexo de um passado herdado, que se modifica, que resiste ou sobrevive, e que compõe o dia a dia dos moradores.

As paredes que acolhem a família (FIGURA 2), os amigos, os visitantes, são as mesmas paredes que falam por si s deste modo de vida, das contradições e das memórias que estão ali também inscritas e serão revisitadas como aportes dessas leituras do comum.

As fotografias expostas, ainda que se dirijam a alguns membros da estrutura familiar, estão sempre ali expressando uma relação de importância e que a memória ocupa seu papel de trazer à tona. É muito comum, a presença de fotografias de filhos que migraram para outras cidades e regiões, em busca de trabalho, na luta pela sobrevivência, e constituindo fora da vida em comunidade outras famílias e, de certa maneira, vendendo a sua força de trabalho em outros campos de contratação, porque a vida em comunidade não fora suficiente para mantê-los onde, talvez, gostaria de ficar e cuidar de sua família como seus antecessores.



Figura 3: Fotos na parede em uma casa no Povoado do Peri Peri

Fonte: Foto de Marisa Oliveira (2019)

Ao auscultar os entrevistados, tentando desbravar o campo empírico, observa-se que as fotografias são estruturalmente significativas para cada família que as expõem. Porém, não são as observações preliminares que expõem o campo contraditório, mas as memórias vão trazendo à tona ao campo de pesquisa, os pontos de intersecção entre a produção da vida e as formas distintas com as quais o capital vai se impondo direta ou indiretamente na vida de homens e mulheres do campo e de suas respectivas famílias transformando-os. Por meio desses

relatos e não dissociando-os da articulação com o todo social, seguiu-se com o intuito de compreender a família das Casas de Farinha diante de alguns processos que plasmam sua existência.

Quem são? (pergunta o pesquisador apontando para as fotografias que aparecem logo na primeira sala da residência rural): Ah, ali são meus avós, pai e mãe de mãe. Num cheguei a conhecer não, mas a gente gosta de ficar na lembrança. Essa terrinha nossa aqui, a gente só tem pro que um dia eles moraram aqui, ai a gente chegou a vez da gente cuidar, né mesmo? Hoje, mesmo, tem dois fi, casados como esposa e filhos que moram ali logo embaixo. A nora ajuda a gente aqui no serviços de casa e a gente dá uns trocadinhos pra ela, salário num dá né, eu e a véia vive de aposentadoria, mas ajuda eles. Se num fosse essa terra, onde eles morariam? Os outros dois fi, estão em São Paulo, um conseguiu uma casa, mas o outro, ainda vive de aluguel. (Seu Antenor, Março de 2017).

A fala de seu Antenor traz algumas dimensões que se replicam entre as famílias rurais visitadas e permitem ir ao encontro das primeiras contradições. A terra é o primeiro vínculo acentuado ao modo de vida rural, obrigando um examinar como propõe Casey (1992) a examinar as estruturas comunitárias em que a posse da terra pode ser apenas um dos elementos num campo mais amplo de relações sociais. Para Alentejano (2012) em boa parte do Brasil, terra assume o sinônimo de riqueza e poder, o que não é uma acepção igualitária para toda a população que reside no campo.

As fotografias reforçam a ideia de que a imagem é um instrumento que possui um caráter informativo, uma (re)criação da realidade, pois paralisa uma fração mínima do tempo (CIAVATTA, 2002). Enquanto objeto de memória, a fotografia atua como elemento de legitimação da memória familiar, lembra a autora. Ali dispostas, as imagens dispõem a leitura de uma família sobre os eventos ou personalidades que merecem o lugar de destaque na lembrança dos membros familiares.

O olhar fixado no objeto fotográfico não é apenas uma característica do artefato, um aspecto do suporte que sustenta sua existência. Cada registro é parte de uma história e constitui ele próprio um princípio de memória (CIAVATTA, 2002, p.30).

Ainda nas paredes das casas, não há como não registrar a valorização dada aos símbolos religiosos externando a fé que orienta homens e mulheres do campo e constitui parte do seu cotidiano. Crença repetida por tantas vezes nas narrativas e como sinônimo de força que parece também nortear o dia a dia de trabalho dessa gente.

Amanhã, tem reza aqui, lá em casa. Vai ter procissão também. A gente se reúne, o povo aqui tudinho. A reza é por conta de uma promessa que eu fiz, aí faço todo ano no dia 12, sem faia, a gente reza o terço pra agradecer a Nossa Senhora Aparecida a graça que alcancei. Vem os amigos tudo e aquele que acredita na Santa é bem vindo, né? É muito bom, as família se encontra e renova a fé e a amizade. Todo mundo aqui se conhece sabe? Parece uma família só (Norma Prado, 37 anos, 11.10.2018).

Observa-se que a fé coaduna com as relações sociais e com a vida de homens e mulheres do campo, fortalecendo os vínculos entre familiares e vizinhos. A referência a uma data religiosa é motivo de compromisso e respeito ao fundamento da fé que os move. Muito comum nas residências rurais, o calendário também condecora as paredes. A sua presença nos remete a um adorno, um condutor dos dias – talvez, um aporte para a demarcação do tempo –, mas não enseja qualquer referência a uma urgência do tempo cronometrado, do afã dos dias que precisam ser ou já foram eliminados.

Ao lado das características peculiares a esse modo de vida, são integrados a esse contexto os telefones celulares, a disponibilidade da internet, o telefone rural, a panela elétrica, a antena parabólica, a TV de LED, os meios de transportes, demonstrando a não separação entre o urbano e o rural. Assim, compreende-se que os modos de vida não são estanques, o mundo rural não está isento das influências recebidas do mundo urbano e das suas multifacetadas interpenetrações.

Desta forma, entende-se que o homem não é um ser passivo: ele age e interage, observa e transforma, reage e atua, aceita ou rejeita. Logo, aponta-se que, entre as peculiaridades da cultura, está – sem dúvida – a sua capacidade de intervenção sobre a realidade, tendo o homem, o ser social, como agente de manutenção ou de transformação do que por ele fora apreendido em seu construir-se como ser histórico.

Esses movimentos que acolhem a vida diária e que se fazem presentes na vida de homens e mulheres do campo permitem a construção da sua realidade objetiva, a aparente dinâmica que se replica como um ato contínuo e deliberado. Há, porém, que se considerar que a essência da realidade perpassa por outras relações sociais que se inter-relacionam com a dinâmica da vida de moradores e que são fundamentais para entender também o cotidiano que, mesmo se replicando, também se transforma e se altera, numa dinâmica precípua das relações sociais que permitem a sua constituição em meio às contradições que vão aos poucos se fazendo presentes.

O mundo rural é um espaço físico diferenciado e um lugar de vida, assim sinaliza Wanderley (2001), enfatizando essa dinâmica que abarca a vida simples e pacata que normalmente adjetiva o meio rural, imprimindo-lhe uma relevância por vezes despercebidas:

Quando estou falando de mundo rural, refiro-me a um universo socialmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira e ao contexto atual das relações internacionais. Não estou, portanto, supondo a existência de um qualquer universo isolado, autônomo em relação ao conjunto da sociedade e que tenha lógicas exclusivas de funcionamento e reprodução. Porém, considero que este mundo rural mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba (WANDERLEY, 2001, p. 32).

Em meio à aparente realidade objetiva desse cotidiano de homens e mulheres do campo, é necessário perceber que a vida no mundo rural não se define apenas na simplicidade, na regulação do tempo, na pacata dinâmica de um modo de ser e de existir. Entende-se, nessa precípua observação preliminar, uma real necessidade do movimento dialético, que insurge o ímpar desejo de compreendê-lo em sua essência, em meio às práticas que se replicam, mas também pelas mediações que o integram à sociedade brasileira em geral, bem como seus desafios e transformações.



Figura 4 – Mulheres raspam a mandioca em Casa de Farinha no Povoado do Peri Peri

Fonte: Foto de Marisa Oliveira (2006)

Em outras palavras, o modo de vida rural e a simplicidade não andam isolados, protegidos ou blindados, eles estão inseridos em uma realidade mais ampliada, da qual recebe influências e que podem ser incorporadas ou não ao seu modo de vida. Como salienta Wanderley (2009), o rural não se constitui uma essência imutável, que poderia ser encontrada intacta em cada sociedade, ao contrário, ele é uma categoria histórica, que se transforma, num elo entre passado e presente – e as inter-relações sociais são imprescindíveis para compreender as transformações pelas quais passam.

Diante do cotidiano, o modo de vida do Povoado do Peri Peri também é fruto da forte relação de seus moradores com as Casas de Farinha e o trabalho nela realizado pelos trabalhadores, externando a dinâmica da vida material e social, conforme ilustrado na Figura 3.

Ainda que as Casas de Farinha não estejam em pleno funcionamento, seja pela sazonalidade da mandioca ou pelo fechamento temporário ou definitivo por razões econômicas, elas significam mais que uma manufatura, passam a ser celeiro e guardiãs das reminiscências que constituem a vida local. Elas contribuem também para o replicar das práticas sociais e se prospectam como coautoras do modo de vida no Povoado por meio do trabalho, consagrando a vida e as relações materiais.

As Casas de Farinha guardam a memória de um presente que se constitui como continuação de um passado herdado, que se modifica, que resiste ou sobrevive, e que compõe a dinâmica diária dos trabalhadores.

Vale ressaltar que as memórias têm uma propriedade ímpar de conservar certas informações, remetendo seu portador, ou portadores, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passado. É nessa função particular, como nos alicerça Le Goff (1990), que está uma de suas maiores riquezas, convergindo para o cuidado e o zelo que se têm com sua investigação, seu estudo e compreensão.

Para Halbwachs (2003), a memória nasce no coletivo. Pollack (1992), no entanto, assevera que o difícil não está entre trabalhar com a perspectiva individual ou coletiva da memória, mas, sobretudo reconhecê-la como fenômeno acerca daquilo que é vivido individualmente, e que se protagoniza e se consolida na vivência em grupos.

Não menos importante do que a abordagem anterior, Nora (1993) convida ao reconhecimento dos “lugares de memória”, em que a memória se cristaliza e se refugia e que, segundo o autor, está ligada a um momento particular de nossa história: as Casas de Farinha, neste sentido, são, portanto, um memorial de recordações. Neste espaço de releitura encontram-se os trabalhadores das tradicionais Casas de Farinha que, por razões cíclicas e distintas, passam

por momentos de mudanças e adaptações ao trabalho, ao modo de vida e à tradição. O dia a dia de trabalho nas Casas é dividido entre as conversas informais dos trabalhadores e o árduo processo de trabalho no trato com a mandioca.

Comecei a fazer farinha no rodo. Êêêê Lá...quando eu comecei tinha 12 anos e ajudando um cunhado meu, no rodo. Sol quente, uma hora dessa era um sufoco disgramado mexendo farinha, mas, no rodo. E já vi também na roda de mão. Já vi meu pai porque meus avô tinha, já vem desdá dos avô, dos véi, que eu já conheci. Meu avô tinha, que eu via ele enxugando nos mato, er ao caxote, ia nos mato enxugava. Parafuso fazia de madeira que eu nem sabia como é que fazia um parafuso de madeira. Eu queria até vê fazendo hoje...que eu acho difícil fazer uma porca prum parafuso de madeira. E tinha um véi ali que era o véi Antônio no Pau de Ispim que fazia esse parafuso (Domingos Oliveira, 53 anos, 13.02.2018).

A força da interjeição na fala de Seu Domingos parece abreviar o tempo e fazer uma conexão entre os instrumentos de trabalho que compõem os processos de trabalho de outrora e do presente através de suas memórias. A memória do processo de trabalho revalida em sua narrativa as mudanças sofridas na realização das etapas de produção da chamada “farinhada” e, de certa forma – ao revisitar o tempo pretérito – enfatiza a importância do trabalho artesão na confecção do parafuso de madeira utilizado para prensar a massa de mandioca, subtrair-lhe a manipueira⁴ e posteriormente obter a farinha depois de peneirada e torrada.

O trabalho nas Casas de Farinha é demarcado, historicamente, ainda que venha sofrendo mudanças, pelo trabalho familiar e pela transferência e socialização de saberes entre gerações. O fazer farinhada está atrelado a uma transferência de saberes de ofício, repassado de geração para geração, de pais para filhos. É um legado que reforça os laços familiares e permite que a atividade seja aprendida e repassada entre membros da família, esperando com isso que haja continuidade futura do funcionamento das Casas. Porém, reconhece-se que hoje seu número seja reduzido, e a geração mais jovem nem sempre deseja carregar o mesmo legado adiante.

As memórias das Casas de Farinha estão atreladas à herança do ofício e ao conhecimento herdado pelos pais ou antecessores familiares, que transmitiram o processo de trabalho aos seus filhos ou demais familiares. A Casa, lugar onde se edifica o processo de trabalho, resguarda também as memórias que externam o vínculo com o ofício e o saber herdado. Entre as entrevistas realizadas, uma narrativa em especial nos remeteu ao legado deixado pelo

⁴ A manipueira é o líquido extraído da mandioca quando ela é prensada no processo de fabricação da farinha. Tanto a mandioca quanto esse líquido contêm ácido cianídrico, venenoso e nocivo à alimentação humana e animal (Portal EMBRAPA, 12.11.2019).

antecessor de uma das Casas. O filho de dono de uma Casa reformou as instalações do imóvel há pouco mais de dois anos e ampliou a parte da raspagem, onde as mulheres realizam o trabalho, mas manteve intacta a área das outras etapas de produção para preservar o passado: *“Foi de meu pai, eu num quis mudar nada. Tá funcionando, né? A gente trabaiá aqui, tá tudo certo e ainda lembro dele. Por causa que foi com ele que aprendi tudo e ele gostava também de fazer farinha”* (Luís Santos, 39 anos, 13.02.2018).

Tal registro revela, por meio do trabalho, as particularidades da constituição de um modo de vida em que as memórias são sumariamente guardiãs de um legado deixado na transferência do saber pelos antecessores familiares. Os instrumentos de trabalho remetem a uma memória de outros tempos e demarcam a importância do saber de ofício transferido entre membros familiares. Em síntese, as Casas de Farinha consolidam o modo de vida presente no Povoado. Além de local de trabalho e de vida, as farinheiras ainda subsistem em função da sociabilidade presente no trabalho familiar nela empregado. Elas são extensão das residências locais e compõem a fonte de renda e a sustentação econômica de muitas famílias na localidade.

A casa de farinha é quase igual a casa de morada da gente, né? Porque a gente tem a mandioca e a gente tem que ter a fábrica, né? Ai então a fabrica de farinha, pra mim é tudo , né? Mas eu creio que na casa de farinha tudo é especial, né? **O que em me alembro é que tudo que eu consegui**, eu tirei da casa de farinha né? Tudo, abaixo de Deus, né? Se eu não tinha nada, depois que fiz minha casa de farinha, consegui comprar uma terrinha, tá certo tô fazendo a roça de mandioca, certo? Mas passado pela fábrica, né? Consegui comprar uma terrinha a mais, tem um carro, tudo, quase tudo, arrancado da casa de farinha. A casa de farinha é tudo, ne? (Antônio Rodrigues Lima, 64 anos, 13.02.2018, grifos nossos).

Ao analisar a entrevista, percebe-se na narrativa do Sr. Antônio um grande respeito e envolvimento com o trabalho. Toda a sua vida, o cuidado com a família e as conquistas pessoais são oriundos do trabalho desenvolvido na Casa de Farinha. A Por meio dela se tira o sustento, leva-se comida para mesa, preserva-se o trabalho familiar na comunidade e se fortalece a convivência entre as pessoas, e isso é modo de vida. Ainda que seja pesado e precarizado o trabalho, frente aos desafios que são inerentes à própria atividade, as Casas de Farinha assumem um legado especial para esses trabalhadores do campo.

No Povoado, as Casas de Farinha carregam uma forte relação de pertencimento misturada a uma espécie de gratidão por tudo que foi construído ao longo de um tempo de relação com a atividade – bem perceptível na narrativa de Seu Antônio Lima. Quando interpelado sobre a possibilidade de fechamento das farinheiras, seus trabalhadores não gostam

de comentar a respeito, até chegam a dizer: *o que seria da vida ali no lugar se não houvesse a produção da farinha?*

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo de vida, como nos instiga Thompson (1981), objetiva-se em meio à vida material e suas relações sociais, a ponto de determinar a dinâmica da vida social. Tal determinação aproxima o presente autor dos preceitos de Marx (2007), que enseja o trabalho como a base ineliminável do mundo dos homens e da sua condição de existência.

Partindo da concepção de modo de vida aqui apresentada, entendemos que as Casas de Farinha caracterizam o lugar segundo costumes, valores e cultura, não isolados do conjunto da sociedade, mas articulados com outras atividades que se fazem presentes na vida do Povoado. Se, por suposição, elas deixassem de existir, as memórias levariam muito tempo para sucumbir o legado deixado por elas. Por meio do cotidiano, os trabalhadores reconstroem a memória das Casas de Farinha diariamente, que se replica e se integra à vida mulheres e homens do campo.

O mundo rural se particulariza, principalmente, por determinar – em face dos elementos que constituem sua vida e suas relações materiais – uma dinâmica que lhe é própria. Não se trata de uma idealização, uma padronização, ao mesmo tempo em que se busca romper a concepção do atrasado, do parcial, que muitas vezes se atrela à concepção de mundo rural. De certa forma, não estamos querendo lembrar do campo como *o outro lugar*, mas como *o lugar*, o lugar de vida na concepção de Cândido (2017), que exprime sobretudo uma localização ao mesmo tempo que determina um tipo social e cultural.

Há que se considerar que, em face de seu modo de vida, e revisitando Wanderley (2009), o mundo rural está longe de ser algo padrão, apenas se distingue do modo de vida, na forma de produzir e na visão de mundo. Em meio a sua dinâmica e influências recebidas, o modo de vida rural também é passível de modificações e alterações.

Por fim, externamos o nosso respeito pela resistência desses trabalhadores em seguir os percalços de uma atividade, respeitando a hereditariedade do conhecimento em meio à persistência de um modo de vida. São mulheres e homens do campo, trabalhadores das farinheiras, guardiões de reminiscências culturais importantes e que, na maioria das vezes, passam despercebidos de sua importância social, assim como o é com o mundo rural.

5 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário**. 3ª ed. São Paulo: EDUSP: 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. São Paulo, Boitempo, 2009.

BRAGA, Gustavo Basto. FIUZA, Ana Louise Carvalho. REMOALDO, Paula Cristina Almeida. **O conceito de modo de vida**: entre tradições, definições e discussões. Revista Interface. Sociologia, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 370-396.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Edusp, 2017.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens**: a fotografia como fonte histórica, Rio de Janeiro (1900-1930). Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

IANNI, Octávio. **A luta pela terra**: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia. Coleção Sociologia Brasileira. Vl.8. Petrópolis, RJ:1981.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CENSO 2018. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br.htm>>. Acesso em: 20 de março 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CENSO 2018. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br.htm>>. Acesso em: 20 de março 2010.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**: contribuição ao estudo Econômico do Imperialismo; Anticrítica. Série Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARTINS, José de Souza. **A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira.** In: NOVAIS, Fernando A Schwarcz. Schwarcz, Lilia Moritz. História da vida privada, volume 4. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem.** 2ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A Ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.

MENDRAS, Henri. **A cidade e o campo.** In: Sociologia Rural. Traduzido por Maria Izaura Pereira de Queiróz. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MINAYO, M^a. C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NORA, P. **Entre a memória e a história:** a problemática dos lugares. Projeto História, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

PMBC – **Prefeitura Municipal de Belo Campo.** Secretária de Saúde do Município de Belo Campo. Registro de Informações da Agência de Saúde, 2019.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 24 Out. 2016.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da Teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. 9ª imp. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O Mundo Rural como um espaço de Vida:** Reflexões sobre a propriedade da Terra, Agricultura Familiar e Ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth. **A ruralidade no Brasil moderno**. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural. En publicacion: ¿Una nueva ruralidad en América Latina?. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. ISBN: 950-9231-58-4 Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>, acessado em 13.03.2018.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: Um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

Data de recebimento: 19 de outubro de 2020.

Data de aceite: 13 de dezembro de 2020.